

**O PRATO COMO LUGAR DE DENÚNCIA NA CERÂMICA CONTEMPORÂNEA**  
**THE PLATE AS A PLACE OF DENUNCIATION IN CONTEMPORARY CERAMICS**

Márcia Braga  
Associada ANPAP

**RESUMO**

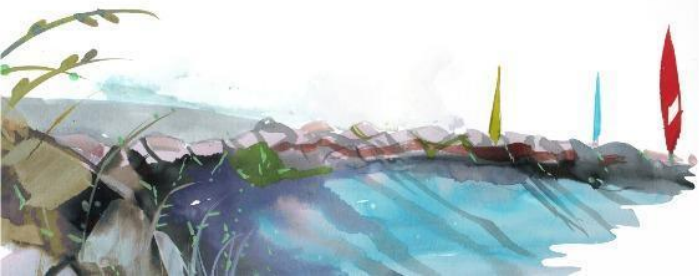
O presente artigo parte da proposição participativa o *Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual), realizada coletivamente e analisada no contexto da minha pesquisa de doutorado *Uma poética provisória e a (est)ética de outras emergências* (2024), para fazer algumas aproximações as obras: *The Dinner Party* (1979), *Arroz e feijão* (1979/2007) e *The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates* (1999-2021) propostos, respectivamente, pelas artistas: Judith Chicago, Anna Maria Maiolino e Julie Green. Todas as obras encontram no prato da tradição cerâmica um suporte para colocar na mesa importantes debates contemporâneos que envolvem grupos de pessoas em vulnerabilidade social e econômica, pessoas invisíveis e invisibilizadas. A discussão está apoiada nas contribuições de pesquisadores como: Graziela Horodyski, Franciele Manosso, José Gândara (2012), Paula Machado e Euler Siqueira (2008).

**Palavras-chave:** Cerâmica contemporânea. Prato. *Prato da Boa(?) lembrança*. Vulnerabilidade social e econômica.

**ABSTRACT**

*This article is based on the participatory proposal Prato da Boa(?) memória (2023 - current), carried out collectively and analyzed in the context of my doctoral research xxxx, to make some approximations to the works: The dinner Party (1979), Arroz e feijão (1979/2007) and The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates (1999-2021) proposed, respectively, by the artists: Judith Chicago, Anna Maria Maiolino and Julie Green. All works find in the plate of the ceramic tradition a support to bring to the table important contemporary debates that involve groups of people in social and economic vulnerability, invisible and invisibilized people. The discussion is supported by the contributions of researchers such as: Graziela Horodyski, Franciele Manosso, José Gândara (2012), Paula Machado and Euler Siqueira (2008).*

**KEYWORDS:** Contemporary ceramics. Plate. Plate of Good(?) memory (2023 - current). Social and economic vulnerability.



## INTRODUÇÃO

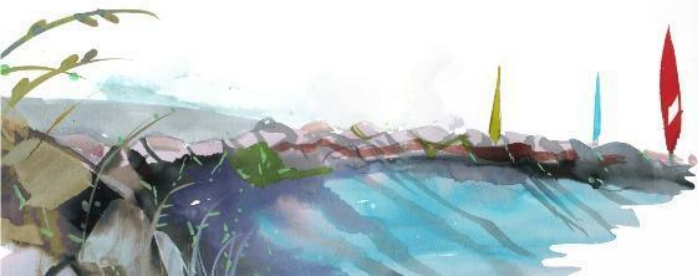
No presente artigo, investiga-se o prato, como objeto da tradição cerâmica e suas possibilidades no contemporâneo a partir de quatro proposições que colocam importantes questões na mesa para alimentar debates sobre problemas que contribuem para o sofrimento de grupos de pessoas historicamente invisibilizadas como: mulheres, pessoas pobres ou em situação de privação de liberdade.

Em um primeiro momento revisito a proposição participativa *Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual), discutida no contexto da minha pesquisa de doutorado *Uma poética provisória e a (est)ética de outras emergências* (2024)<sup>i</sup>, realizada por mim, pelo coletivo do qual faço parte, o *Balcão da Cidadania* e por um grupo de vinte mulheres reclusas no *Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier* em Porto Alegre, RS/Brasil. Em um segundo momento faço algumas aproximações a processos e projetos propostos por outras artistas mulheres como Judith Chicago (*The dinner Party*, 1979), Anna Maria Maiolino (*Arroz e feijão* 1979/2007) e Julie Green, (*The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates*, 1999-2021).

Trabalho estas proposições relacionando-as ao conceito de *souvenir* como objeto de sedução e consumo comum que podem criar certos diálogos com as obras analisadas à medida que tirariam partido de formas simples, cotidianas e facilmente reconhecíveis, como são os pratos, para chamar a atenção para temas importantes e urgentes que permeiam contextos sociais em diferentes geografias.

### 1. *Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual)

A proposição participativa *Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual) remete ao contexto da minha pesquisa de doutorado realizada junto ao coletivo *Balcão da Cidadania*<sup>ii</sup>, do qual faço parte, em interação com um grupo de mulheres privadas de liberdade do

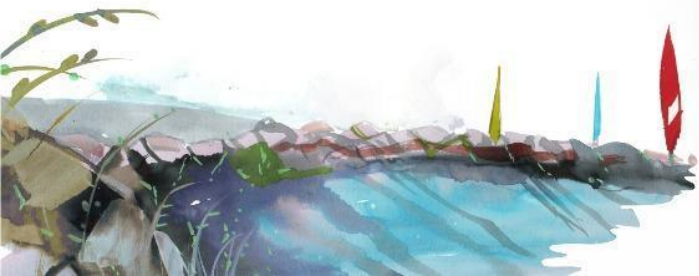


*Presídio Estadual Feminio Madre Pelletier*. A ação colaborativa se inscreveu em um momento de debate com as apenadas em torno do tema da alimentação dentro da prisão.

Os diálogos estabelecidos em nossos encontros semanais com o grupo de trabalho no *Madre Pelletier* sobre questões relacionadas à alimentação são frequentes e acontecem, na maioria das vezes, a partir de uma reclamação sobre a comida servida no dia anterior: que segue sem sal e sem sabor; que o feijão da noite nunca cozinha o tempo suficiente; que as bandejas onde a comida é trazida são quebradas e encardidas; fora o fato de nunca poderem comer com talheres “decentes”, “talheres de verdade”.

Falar sobre comidas que não nos satisfazem, pelo motivo que seja, também nos conduz a outro lugar, ao seu oposto: a nossa memória gustativa e afetiva, àquilo que nos faz salivar, a certos preparos que nos remetem a pessoas queridas e que envolvem, muitas vezes, celebrações. Quando acessamos essas recordações, no nosso encontro com o grupo de trabalho, a mesa imaginária que criamos fica farta: tem o cachorro-quente da tia, o enroladinho de salsicha da vizinha, o pão e o pudim da mãe, o bolo de chocolate que a filha faz. Também está posta ali a saudade de preparar pratos que a família gosta: o pastel de carne com muito ovo, o arroz de carreteiro com a carne bem picadinha, um feijão com caldo grosso e a carne de panela. Nós, do *Balcão*, também levamos algo para a “confraternização”: pizza, lasanha, a galinhada da minha avó, o pastelzinho de frango da minha mãe (um clássico presente em todos os aniversários da família). Pensamos que tínhamos, também, boas lembranças!

Comentei com o grupo sobre uma ação comercial que conhecia e que envolve comida: o chamado *Prato da boa lembrança* (Imagem 1). Trata-se de uma recordação que clientes satisfeitos adquirem depois de provar um prato especial do cardápio de algum bom restaurante. Os objetos são feitos em cerâmica e recebem, em sua superfície,



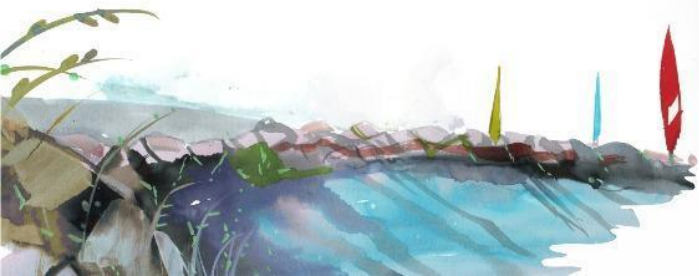
imagens coloridas e pintadas à mão com tinta fria, o nome do prato, do restaurante e da cidade.



Figuras 1. Prato da Boa lembrança (2023)  
Fonte: <https://boalembanca.com.br/a-associacao/>

No meu ateliê, trabalho com esculturas e objetos, utilitários ou não, realizados em cerâmica. No ateliê também se modelam pratos. Os pratos são as peças que, com mais frequência, apresentam defeitos, sofrem rachaduras, empenamentos etc. Amigas/os ceramistas doam a mim seus pratos acidentados que, junto com os meus, trituro reaproveitando-os na composição de argilas como chamote. Eu tinha alguns desses pratos guardados e comentei com o grupo na prisão. Pensei que poderiam ser um bom suporte para materializar o que surgiu nos diálogos, boas ou más lembranças. As pessoas que participavam do encontro concordaram.

A imagem do prato colorido dos restaurantes que imprimi e levei para que conhecessem no encontro posterior acabou dando nome ao trabalho que estávamos pensando juntas, acrescentado de um ponto de interrogação no meio. A proposição *Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual) foi realizada colaborativamente no último semestre de 2023. Compartilhamos a proposta com a direção e recebemos a



liberação para entrarmos no presídio com os materiais necessários para a execução da atividade que havíamos planejado conjuntamente: pratos cerâmicos, esmaltes, pincéis, entre outros.

Cada participante esmaltou um prato plasmando em sua superfície algo relacionado às questões debatidas em encontros anteriores. Uma delas escolheu vermelho para “decorar” seu prato, falou sobre o jantar de Natal, uma tradição familiar da qual não poderia participar naquele ano. No final da manhã reunimos os objetos para levá-los de volta ao ateliê e submetê-los a nova queima a 980° para que o esmalte de baixa temperatura aplicado, pudesse fundir e aderir na superfície do prato.

*Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual) configurou-se como uma obra participativa, proposta por mim, realizada com a colaboração do *Balcão da Cidadania* e de um grupo de vinte mulheres privadas de liberdade. Os pratos esmaltados na prisão foram apresentados na *Pinacoteca Barão de Santo Ângelo*, no Instituto de Artes da UFRGS, entre 7 e 14 de outubro de 2024. Estavam dispostos sobre uma mesa redonda preta cujo formato faz alusão às rodas de conversa que se estabelecem semanalmente nos nossos encontros no presídio.

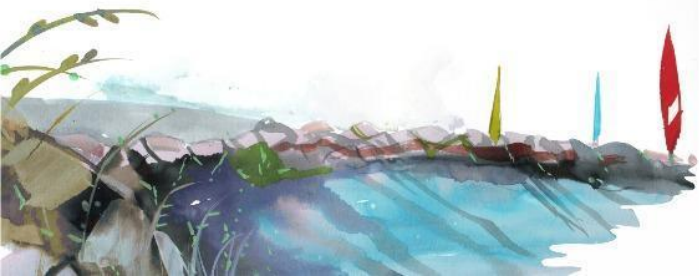
A obra, apresentada na exposição *Táticas coletivas para (des)habitar uma prisão feminina* no contexto relacionado à minha defesa de doutorado, ganhou uma nova camada de participação: pratos como os que foram esmaltados pelo grupo de vinte mulheres presas também foram disponibilizados no espaço expositivo para que novos participantes pudessem continuar o diálogo iniciado através de interferências a partir de esmaltes coloridos. Neste sentido, os pratos receberam intervenções como desenhos, pinturas, textos variados e algumas perguntas. Posteriormente retornaram ao ateliê onde foram queimados.



Figuras 2 e 3. *Prato da boa(?) lembrança* (2023-atual)  
Fonte: da autora



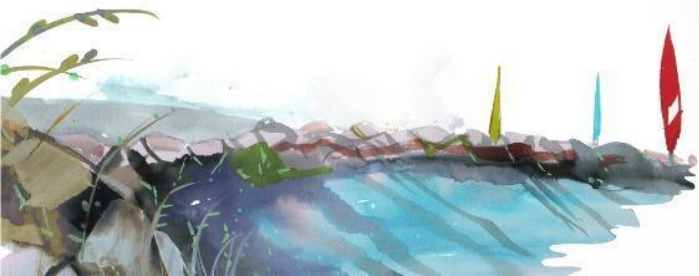
Figuras 4 e 5. *Prato da boa(?) lembrança* (2023-atual).  
Fonte: da autora



O tema posto à mesa por nós está relacionado ao direito a uma alimentação digna como um direito de todo cidadão, ou seja, também da pessoa presa que está aos cuidados do estado. No artigo *A alimentação das presas na Penitenciária Feminina Madre Pelletier*, os pesquisadores Daniel Rudnicki e Gabriel Borrea dos Passos mencionam o relatório da *CPI do Sistema Carcerário* de 2008 realizado no *Madre Pelletier* onde consta que, naquele ano, foram encontrados baratas e ratos nas galerias, e que as presas reclamavam da falta de medicamentos e dos preços dos artigos à venda na cantina existente no local (Rudnicki e Passos, 2012, p. 110). No mesmo relatório consta que, no nosso país, a maioria dos estabelecimentos penais não garante condições mínimas para que os apenados e apenadas vivam e se alimentem adequadamente havendo reclamações sobre a qualidade da comida e seu estado (azedo ou em processo de putrefação) em todas as unidades prisionais visitadas pelos pesquisadores (CPI do Sistema Carcerário, 2008, p.200, apud Rudnicki e Passos, 2012, p. 116).

Em 2010, o relatório da *DHESCA Brasil*, indicava a superlotação no *Madre Pelletier* (o contingente em 2009 era de 569 mulheres). Além da superlotação, as presas reclamavam das péssimas condições físicas e sanitárias, da aplicação de medidas disciplinares rigorosas e desumanas, da falta de médicos, de atendimento psicológico e jurídico, bem como das dificuldades para receber visitas (idem).

Das *Regras Mínimas da ONU* (n. 20.1 e n. 20.2), os pesquisadores destacam que o apenado deve receber da administração, nas horas usuais, uma alimentação de boa qualidade, cujo valor nutritivo seja suficiente para a manutenção da saúde do preso e para que ele possa manter suas forças e que todo preso deverá ter água potável à disposição. Sendo que “a alimentação nos presídios deve acompanhar os costumes locais, tanto no que diz respeito ao cardápio, quanto aos horários”. (Rudnick e Passos, 2012, p.111). No artigo 11, na Lei de Execução Penal (LEP) consta que a assistência ao preso será material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa e o artigo 12



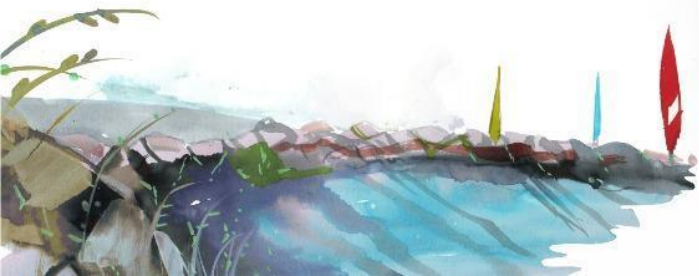
diz que a assistência material ao preso consistirá no fornecimento, dentre outros, de alimentação. O artigo 13 da LEP refere-se ao tema, quando aventa a possibilidade de, no interior das prisões, ser possível comprar produtos que o Estado não forneça (como material de higiene e produtos alimentícios).

Conforme texto publicado no jornal digital *Alma Preta*, a professora, socióloga e doutoranda em *Humanidades, Direitos e outras Legitimidades* Najara Costa afirma que a saúde e a alimentação são questões interligadas, pois o indivíduo que se alimenta mal vai ter uma saúde debilitada. E que “essa é, sim, uma faceta do racismo estrutural, que permite que pessoas majoritariamente negras e pobres enfrentem maiores adversidades e negação de direitos, que são básicos e, portanto, morram” (Costa, 2022, s.p).

A matéria destaca ainda que, atualmente, a população carcerária brasileira é composta de 67,5% de pessoas negras, 46,4% jovens (entre 18 e 29 anos), 56% sem Ensino Fundamental I e 99,2% sem Ensino Superior, e que, obviamente, estamos falando de mais uma das faces do racismo.

Em maio de 2012, Rudnicki e Passos realizaram uma visita ao *Madre Pelletier*, observaram o ambiente em que se preparava a alimentação, conversaram com técnicos e presas, almoçaram no local, entrevistaram a nutricionista à época e ainda conversaram com o juiz Sidinei José Brzuska. Nos depoimentos das cozinheiras e das presas, não há reclamações em relação à comida, pelo contrário, as pessoas entrevistadas dizem que a comida é muito boa em comparação a outras unidades prisionais, falam bem das condições de higiene da cozinha e que já não existem insetos ali como roedores e baratas. Uma entrevistada destaca que a comida é muito parecida com a das suas casas. O que corrobora a fala de uma pessoa que faz parte do nosso grupo de trabalho, que diz: que muitas pessoas não têm nem casa, que cometem pequenos furtos para voltar para prisão e ter o que comer.

## **2. *The Dinner Party* (1979) - Judy Chicago**

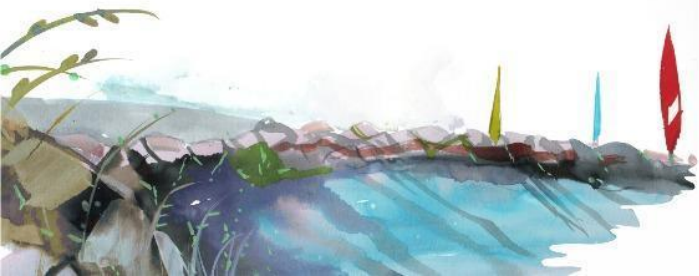


Em 1979 a artista estadunidense Judy Chicago preparou um histórico banquete. Tratava-se da instalação *The Dinner Party* (1979). O processo de elaboração e realização da obra envolveu cinco anos de pesquisa prática e teórica e contou com a participação de voluntários de diversas áreas do conhecimento. A obra que, inicialmente estava composta por uma série de 25 pratos pintados em porcelana para serem expostos em uma parede, foi sendo ampliada para, e em sua montagem final, homenagear mil e trinta e oito mulheres esquecidas na história ou que não tiveram o reconhecimento suficiente e merecido.

*The Dinner Party* (1979) está constituída por uma mesa triangular ao longo da qual Chicago dispôs trinta e nove pratos que descansavam junto com talheres e taça sobre toalhas individuais cuidadosamente bordadas. Cada mulher homenageada tem seu lugar marcado na mesa. Tanto na superfície do prato de porcelana delicadamente esmaltado (e até mesmo modelado) e na toalha são evidenciados através de pinturas, modelagem e desenhos aspectos característicos do fazer de cada uma imagem que pudessem representá-las (Imagem 6).

O formato nada tradicional da mesa sugere uma não hierarquia de posições ao mesmo tempo em que os treze lugares dispostos em cada lateral do triângulo que, segundo a pesquisadora Katherina Cordás (2021,n.p) reclama o lugar da mulher a partir da alusão a um dos banquetes mais celebrados da história, onde apenas treze homens foram convidados, a santa ceia.

Segundo site da instituição de arte *Brooklin Museu*, na instalação de Chicago, cada lateral do triângulo corresponde a uma “ala”: a primeira começa na pré-história com a Deusa Primordial e continua cronologicamente com o desenvolvimento do judaísmo, passando pelas primeiras sociedades gregas e chegando ao Império Romano, marcando o declínio do poder feminino, simbolizado pelo prato de Hipácia; a ala dois representa o cristianismo primitivo até a Reforma, retratando mulheres que simbolizam as primeiras articulações da luta por direitos iguais e a terceira



ala começa com Anne Hutchinson e aborda a Revolução Americana, o sufragismo e o movimento em direção à crescente expressão criativa individual das mulheres, simbolizado pelo jogo de mesa de Georgia O'Keeffe.

Mas a homenagem às mulheres cujas trajetórias foram pouco valorizadas ao longo da história, não se limita ao espaço da mesa, estende-se pelo piso de cerâmica do chão da sala de exposição onde estão registrados outros novecentos e noventa e nove nomes de mulheres acompanhados por informações biográficas, fotografias e artefatos relacionados e imagens.

A obra homenageia e, em certos casos, reivindica o lugar destas um mil e trinta e oito mulheres (que representam tantas outras) na história, destacando o importante papel que desempenharam, suas contribuições, conhecimentos e fazeres que foram colocados em segundo plano ou ignorados a sua época. A obra tornou-se um ícone da arte feminista ao reclamar (ou lembrar) o papel fundamental desempenhado por essas mulheres na história. Susan B. Anthony foi, por exemplo, o rosto do movimento sufragista americano e uma de suas principais organizadoras (Imagem 7). Suas ações contribuíram significativamente para o progresso da inclusão das mulheres no processo político dos Estados Unidos. Caroline Herschel foi uma astrônoma pioneira e a primeira mulher a descobrir um cometa. Suas conquistas permitiram que gerações de mulheres desenvolvessem uma carreira nas ciências, um campo que antes era exclusivamente reservado para homens.

Desde março de 2007 a obra faz parte da coleção e tem um espaço permanente projetado especificamente para ela no Centro Elizabeth A. Sackler para Arte Feminista no Museu do Brooklyn. Judy Chicago põe a mesa o "objetivo do feminismo que é um mundo igualitário".



Imagem 6. Judy Chicago. The dinner Party (1979).

Fonte:

<https://www.comes.com.br/post/the-dinner-party-a-primeira-grande-obra-feminista-da-hist%C3%B3ria-por-judy-chicago>

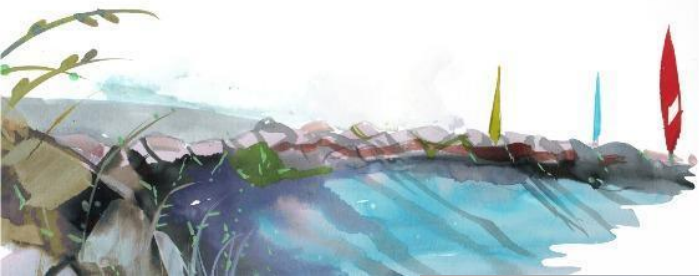


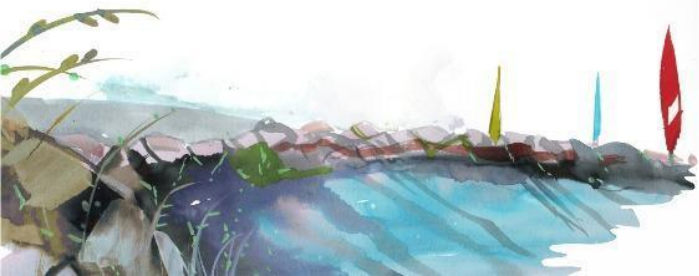
Imagem 7. Judy Chicago. *The dinner Party* (1979). Prato em homenagem a Susan B. Anthony  
Fonte: <https://www.brooklynmuseum.org/pt-BR/collection/dinner-party-components/heritage-panels>

### **3. Arroz e feijão (1979/2007) - Anna Maria Maiolino**

No mesmo ano em que Judy Chicago expôs *The Dinner Party* pela primeira vez, no Brasil a artista ítalo-brasileira Anna Maria Maiolino expunha a obra *Arroz e Feijão* (1979) (Imagem 8). A obra foi criada, portanto, durante o período correspondente à ditadura militar brasileira.

Trata-se de uma instalação na qual a artista dispôs, sobre uma mesa coberta por toalha preta, pratos de porcelana sobre os quais foram distribuídos uma porção de terra e sementes de arroz e feijão, um cereal e uma leguminosa que constituem a base da alimentação dos brasileiros.

O público podia acompanhar a germinação das sementes nos pratos, ver um vídeo em looping de uma boca mastigando a comida através de uma televisão posicionada em uma parede ao fundo da sala ou escolher uma das quatro mesas cobertas por toalhas brancas localizadas nos cantos da sala e comer arroz e feijão enquanto



conversava. Nas paredes havia ainda grafites que faziam referências a quem tem e quem não, acesso a alimentação no Brasil.

Segundo Caroline Menezes (2013, p.199), a artista "debruça-se sobre a questão do nacionalismo promovido pelo governo militar colocando ícones da identidade nacional brotando da terra para alimentar o povo". *Arroz e Feijão* (1979) constituem-se como uma crítica de Maiolino à desigualdade social do país.

A semente resiste, e à mínima possibilidade de nascimento ela germina e floresce, assim como a vida. Essa mesa vazia e sombria, desvirtuada de seu lugar de união e partilha, diz desse vazio da escassez, que é revertido com o prato cheio de vida em potência. Anna conta que em *Arroz e Feijão* gostaria de falar de um medo do futuro, do fato de não saber como as coisas iriam caminhar no Brasil que ainda vivia tempos de ditadura (D'Errico; Parampal, s/d, s/p).

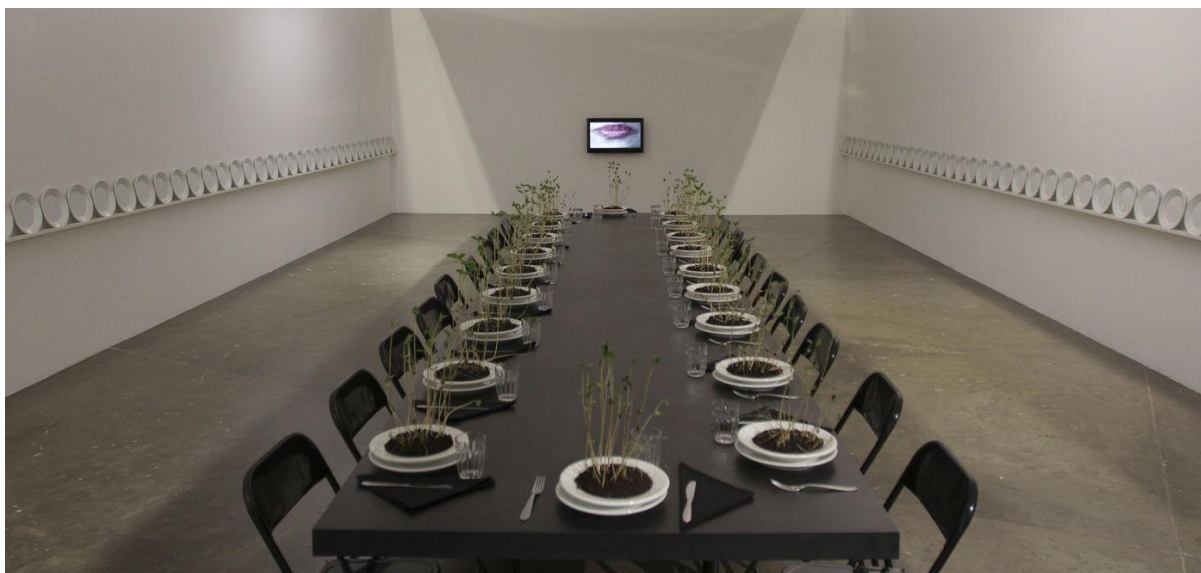
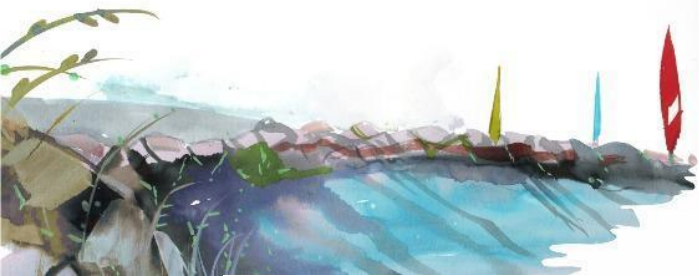


Imagem 8. Anna Maria Maiolino, *Arroz e feijão* (1979-2004), instalação-performance.  
Fonte: <https://annamariamaiolino.com/>



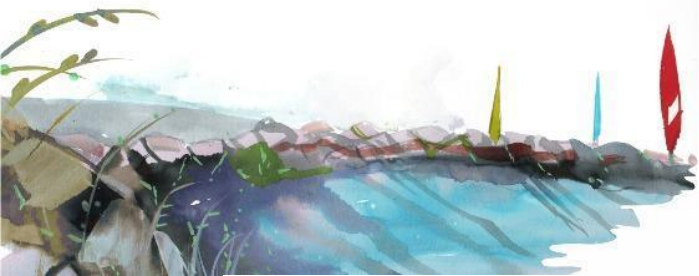
#### **4. *The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates (1999-2021)* - Julie Green**

A artista e professora de arte da Oregon State University Julie Green criou o projeto *The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates (1999-2021)* depois de ler uma reportagem que falava sobre a pena de morte nos EUA que apresentou-lhe um fato novo que causando-lhe certa estranheza: a notícia de que as pessoas a serem executadas podiam escolher sua última refeição. Impressionou-a, principalmente as comidas solicitadas como, por exemplo: três coxas de frango frito, 10 ou 15 camarões, batatas fritas com ketchup, duas fatias de torta de nozes, sorvete de morango, mel e biscoitos e uma Coca-Cola.

A partir deste momento Green começou a pesquisar na internet onde as últimas refeições são frequentemente relatadas em artigos sobre execuções e muitos sites e listas no estilo do *Buzzfeed* as execuções e últimas refeições. E depois de presenciar, junto a um grupo de repórteres, carrascos do Departamento de Correções de Ohio tentar aplicar a injeção letal a um condenado e falhar diversas vezes. Green entendeu que talvez sua arte pudesse traduzir o horror. A artista começa então a pintar as últimas refeições dos condenados em pratos de porcelana de segunda mão com tinta mineral na cor azul-cobalto. Os pratos são posteriormente queimados a 1.400 graus por dois especialistas em cerâmica com os quais trabalha, Toni Acock e Sandy Houtman.

*The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates (1999-2021)* é uma instalação exibida pela primeira vez no Museu de Arte de Boise<sup>iii</sup>. Está composta por mil pratos de cerâmica pintados à mão pela artista de 1999 a 2021 (ano de seu falecimento) e foram distribuídos cuidadosamente nas paredes da instituição.

Segundo o Museu de Arte de Boise, a arte de Green incentiva os espectadores a considerarem o sistema prisional dos EUA e a maneira como pensamos sobre aqueles



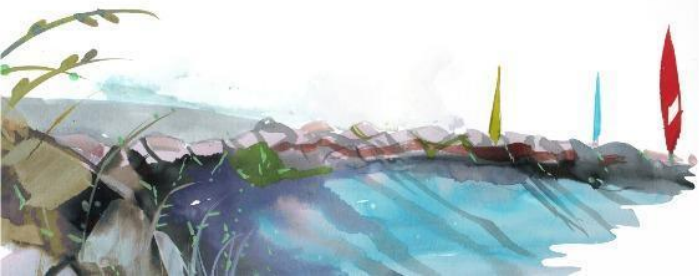
que estão nele. Ao nos conectar por meio de nossa necessidade básica de comida e nossos rituais associados a ela, Green desperta uma conexão humana e abre nossos corações e mentes para indivíduos em nossa sociedade que muitas vezes são desconsiderados e esquecidos.

A artista entende que um pedido de refeição final humaniza o corredor da morte e que os cardápios forneceriam pistas sobre região, raça e situação econômica da pessoa condenada. Um histórico familiar se torna evidente quando o Departamento Correccional de Indiana afirma que um condenado comenta que nunca havia comido um bolo de aniversário (Imagem 10).

No Brasil, segundo as pesquisadoras Tatiana Cavalcanti de Albuquerque Leal e Alessandra Macedo Asfora, a pena de morte foi abolida com o advento da Proclamação da República (1889), na primeira Constituição da República, de 1891. Podendo ser aplicada exclusivamente em tempo de guerra, conforme previsão do art. 5º, inciso XLVII, da Constituição Federal.

Uma matéria da BBC Brasil revelou que, segundo os últimos números compilados pela Anistia Internacional, em 2022, cinquenta e cinco países previam a pena de morte em sua legislação, nove deles aplicaram a pena de morte apenas para os crimes mais graves, como homicídios múltiplos ou crimes de guerra enquanto vinte e três países previam a pena de morte na legislação, mas não a utilizam há dez anos. Sendo a China o país que mais usa a pena de morte no mundo (dado não oficial), depois dela, se confirmado, viriam o Irã, a Arábia Saudita, o Egito e os Estados Unidos. Na pesquisa a artista aponta que houve em seu país 1532 execuções sancionadas pelos desde 1976 sendo o estado do Texas encarregado por 570 delas.

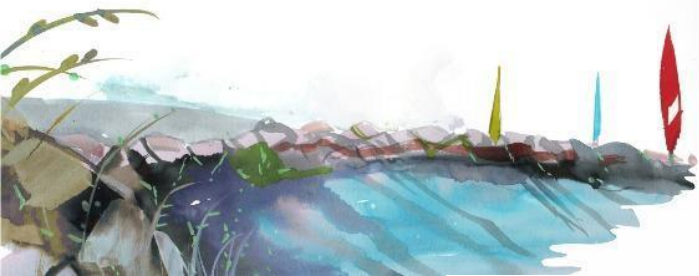
Desde 2007, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou quatro resoluções, pedindo aos Estados uma moratória sobre a aplicação da pena de morte, tendo em vista a abolição. Cerca de 150 dos 193 Estados-Membros da ONU aboliram a pena



de morte ou deixaram de praticá-la. Entre os estados que aboliram a pena estavam Michigan em 1847 e o estado do Colorado em 2020.



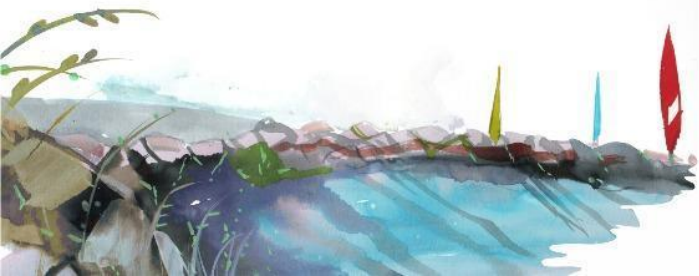
Imagem 9. Exposição *The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates* (1999-2021)  
Fonte: <https://www.e-flux.com/announcements/106610/the-last-supper-nbsp-600-plates-illustrating-final-meals-of-u-s-death-row-inmates/>



Figuras 10. *The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates* (1999-2021)  
Prato Mississippi 20 March 2012 - Macadamia nut pancakes, shrimp and grits, ice cream cake,  
caramel candy and root beer. 2014.  
Fonte: <https://greenjulie.com/plate/5456/>

## 5. Pratos que não são *souvenirs*

Os pratos são objetos centrais das proposições revisitadas ao longo desta escrita. Com exceção do trabalho de Maiolino, *Prato da Boa(?) Lembrança* (2023 - atual), *The Dinner Party* (1979), e *The Last Supper - Final Meals of U.S. Death Row Inmates* (1999-2021) têm um delicado e cuidadoso trabalho nas suas superfícies das peças realizados através do uso de esmaltes de baixa e alta temperatura, alguns são mais coloridos e chamativos que outros, uns têm formatos mais tradicionais e discretos como as pinturas azuis de Green, outros chamam a atenção por revelarem um gesto mais livre como no caso da proposição realizada no *Madre Pelletier* ou ainda o absoluto domínio da técnica expressa nos pratos de Chicago. Ou ainda o interesse pela forma, tal qual se apresenta em seu uso cotidiano, como para Maiolino que cria



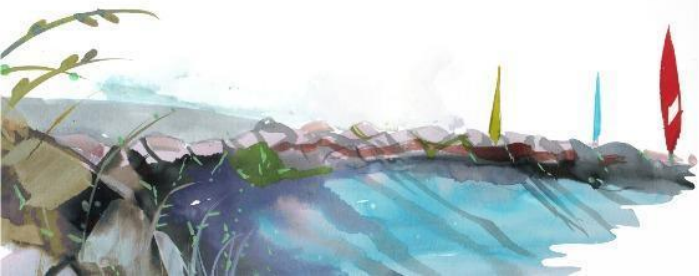
uma espécie de imagem em 3D sobre o prato à medida que as sementes germinam. Todos esses pratos poderiam individualmente e, à primeira vista, representar um objeto de consumo fácil, aprazível, como costumam ser os *souvenirs*.

A palavra *souvenir* é de origem francesa e seu significado remete à lembrança e recordação (Machado & Siqueira, 2008). *Souvenir* deriva do latim, *subvenire*, que significa “vir em auxílio”, “socorrer” (Rubio, 2006), que é formada pela junção do prefixo “sub-”, que indica movimento de baixo para cima ou em direção a algo, com o verbo “venire”, que significa “vir”. Assim, “subvenire” denotaria a ação de chegar para ajudar ou prestar socorro a alguém ou algo em dificuldade.

*Souvenir* é o nome dado a certos objetos formados por elementos que remetem a um local em concreto ou a uma experiência. Segundo Freire-Medeiros & Castro (2007, p. 35) “souvenirs são um componente essencial e um significanteloquente da experiência de viagem no mundo contemporâneo”. Sob o ponto de vista de outros autores como Horodyski, Manosso & Gândara (2012, p. 325) o souvenir seria “algo banal, bastante consumido e presente na casa da maioria das pessoas, contudo é visto com escárnio, como um objeto de gosto duvidoso”, e que parece ser entendido como “um objeto menor, sem legitimidade acadêmica” (idem).

A cientista social Renata Camargo (2016, p.9) observa que o consumo de souvenirs permite a troca de ideias e valores comuns aos membros dos diferentes grupos sociais, assim como reforça determinados vínculos sociais. Pressupõe-se que, em sua maioria, essas lembranças são compradas para outros – familiares, amigos, colegas de trabalho – e que, no momento em que são usados para presentear, tornam-se meios usados na manutenção do vínculo social de determinados grupos sociais.

## **Conclusão**

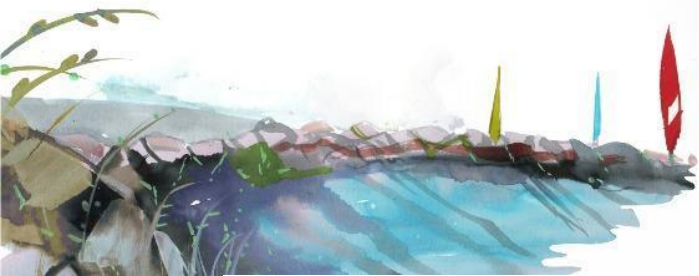


No presente artigo, colocamos os pratos na mesa para falar das fomes. Da fome física, pela falta do alimento. Da fome de justiça, de igualdade, de direitos, de oportunidades. Mas pode realmente a arte alimentar pensamentos outros que contribuam para diminuir parte das nossas diferentes fomes? Expondo fragilidades sociais?

Todos os processos que viemos desenvolvendo conjuntamente com grupos de pessoas privadas de liberdade e através do uso e investigações sobre a palavra (escrita e falada), envolvem constantes reflexões que permeiam noções de democracia, subcidadania e exclusão em intersecção com a arte. Tais relações não acontecem sem fricções entre as diversas instâncias que estão envolvidas nos processos (instituição, coletivo, detentas). E, justamente, essas fricções se manifestam também nas produções que entendemos como táticas, como pequenas provocações, elaborações que, na sua origem, almejam converterem-se em estratégias, incidir no macro e, com sorte, repercutir em algum tipo de política pública que atenda essa parte da população que se encontra encarcerada.

Green, usa a narrativa da última refeição de um condenado para nos lembrar que a pena de morte não é uma abstração da justiça. Seu trabalho nos obriga a resolver questões que temos medo de nos perguntar. Podemos escolher rejeitar essa verdade, rejeitá-la porque ela não se encaixa em nossa política de identidade. A outra opção é mais difícil: podemos identificar a dor que ela nos mostra e usá-la como ferramenta de autorreflexão, empatia e crescimento.

Maiolino (apud De Zecher, 2002, p. 8) fala de uma necessidade humana básica, real, objetiva: o alimento, no sentido mais amplo da palavra. A metáfora da comida se estende às outras carências de necessidade do homem. No banquete proposto há uma provocação e um convite à reflexão sobre o fato de que um terço da população mundial tem comida à sua disposição enquanto dois terços morrem de desnutrição. Mas a vida persiste quando há ditadura, quando há fome. A semente que germina não é promessa, mas possibilidade.



Por mais distanciados que estejamos temporalmente das ações das artistas Judy Chicago e Anna Maria Maiolino, que a causa feminista tenha conquistado muitos espaços e que o debate a fome tenha recebido atenção de alguns governos a nível nacional e internacional, que tenhamos muitos avanços no sentido da abolição da pena de morte e também do modelo atual de prisão, sabemos que são lutas permanentes e necessárias e que a arte contemporânea, e com ela a cerâmica, podem constituir importantes lugares de discussão para esses e tantos outros temas urgentes.

## Referências

BRAGA, Márcia. Uma poética provisória e a (est)ética de outras emergências: táticas coletivas para (des)habitar uma prisão feminina. Tese de doutorado - PPGAV.UFRGS. Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Ch4vEq6y2RMHDI9kIns75D3zODL9N VV8>.

Boise Art Museum. Disponível em: <https://boiseartmuseum.org/exhibition/julie-green-the-last-supper/>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

Brooklyn Museum. The Dinner Party by Judy Chicago. Disponível em: [https://www.brooklynmuseum.org/pt-BR/exhibitions/dinner\\_party](https://www.brooklynmuseum.org/pt-BR/exhibitions/dinner_party). Acesso em: 18 de maio de 2025.

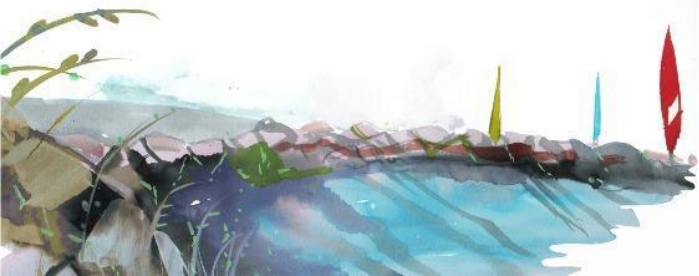
CAMARGO, Renata. Produção, consumo e significados dos souvenirs turísticos em Tiradentes. Tese de doutorado. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2597/1/renatasilvasantoscamargo.pdf>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

CHICAGO, J. Site da artista. Disponível em: <https://judychicago.com/>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

CORDAS, katherina. The Dinner Party, a primeira grande obra feminista da história, por Judy Chicago. Disponível em: 2021. <https://www.comes.com.br/post/the-dinner-party-a-primeira-grande-obra-feminista-da-hist%C3%B3ria-por-judy-chicago>. Acesso em: 07 de maio de 2025.

D'ERRICO, C.; PARAMPAL, D. M de mesa. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/m-de-mesa/>. Acesso em: 20 de abril de 2025.

GREEN, Julie. Site da artista. Disponível em: <https://greenjulie.com/>. Acesso em: 22 de abril de 2025.



\_\_\_\_\_. <https://boiseartmuseum.org/exhibition/julie-green-the-last-supper/>

HORODYSKI, G.; MANOSSO, F; GÂNDARA, J. O consumo de souvenirs e a experiência turística em Curitiba (PR). Caderno Virtual de Turismo, 2012

MAIOLINO, Anna Maria. Site da Artista. Disponível em: <https://annamariamaiolino.com/obras-amm.html>

MACHADO, P.; SIQUEIRA, E. Turismo, consumo e cultura: significados e usos sociais do souvenir em Petrópolis-RJ. Revista Contemporânea, 10(1), 2008.

MENEZES, C. Navegação segura, 29ª Bienal de São Paulo. In *30 x bienal: transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*. Curadoria de Paulo Venâncio Filho. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2013.

RUBIO, S. Reseña de Trofei di Viaggio. Per un'antropologia dei souvenir de Canestrini. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 4(2), 2006.

RUDNICKI, Dani; PASSOS, Gabriel. A alimentação das presas das presas na penitenciária feminina Madre Pelletier. Tempo da Ciência, 19:107-123, 2012.

Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9099/6674>. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

---

<sup>i</sup> Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/283490>

<sup>ii</sup> <https://www.instagram.com/coletivo.balcaodacidadania/>

<sup>iii</sup> <https://boiseartmuseum.org/exhibition/julie-green-the-last-supper/>